

Folclore

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Folclore (do inglês folk-lore: "conhecimento popular") é um gênero da cultura de origem popular,^[1] que representa a identidade social de uma comunidade através de atividades culturais que nasceram, individualmente ou coletivamente, e se desenvolveram com o povo (costumes e tradições) transmitidos entre gerações.^{[1][2]}

Folclorismo é uma especialidade da ciência que tem como objeto o estudo sobre o homem, os costumes e as tradições, em paralelo a antropologia (ciência que estuda todas as dimensões do homem e da humanidade).^{[3][4]}

Este tipo de cultura não é um conhecimento cristalizado, embora se enraíze em tradições que podem ter grande antiguidade, mas transforma-se no contato entre culturas distintas, nas migrações, e através dos meios de comunicação, onde se inclui recentemente a internet. Uma das funções culturais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é orientar as comunidades no sentido de administrar sua herança folclórica, cientes de que o progresso e as mudanças que ele provoca podem tanto enriquecer uma cultura como destruí-la para sempre.



Folclore dos Açores, trajos tradicionais.

Índice

Etimologia

História

A sociedade contemporânea

Classificação do folclore

Características do fato folclórico

Imagens

Referências

Ver também

Ligações externas

Etimologia

O termo folclore é um neologismo de "folk-lore", onde os vocábulos da língua inglesa folk significa "gente" ou "povo" e lore significa "conhecimento", passando a ter o significado de conhecimento tradicional de um povo.^{[5][6]} Usada primeira vez na carta enviada por arqueólogo Ambrose Merton - pseudônimo de Willian Thoms - endereçada à revista londrina "The Atheneum", que a publicou em agosto de 1845. Em comemoração instituiu-se mundialmente o Dia do Folclore em 22 de agosto.^[6]

História

O interesse pelo folclore nasceu no fim do século XVIII, quando estudiosos como os Irmãos Grimm e Herder iniciaram pesquisas sobre a poesia tradicional na Alemanha e "descobriu-se" a cultura popular como oposta à cultura erudita cultivada pelas elites e pelas instituições oficiais. Logo esse interesse se espalhou por outros países e se ampliou para o estudo de outras formas literárias, músicas, práticas religiosas e outros fatos chamados na época de "antiguidades populares". Neste início de sistematização os pesquisadores

procuravam abordar a cultura popular através de métodos aplicados ao estudo da cultura erudita.^[3]

O termo folclore passou a ser utilizado então para se referir às tradições, costumes e superstições das classes populares. Posteriormente, o termo passou a designar toda a cultura nascida principalmente nessas classes, dando ao folclore o *status* de história não escrita de um povo. Mesmo que o avanço da ciência e da tecnologia tenha levado ao descrédito muitas dessas tradições populares, a influência do pensamento positivista do século XIX contribuiu para dignificá-las, entendendo-as como elos em uma cadeia ininterrupta de saberes que deveria ser compreendida para se entender a sociedade moderna. Assim, com a conscientização de que a cultura popular poderia desaparecer devido ao novo modo de vida urbano, seu estudo se generalizou, ao mesmo tempo em que ela passou a ser usada como elemento principal em obras artísticas, despertando o sentimento nacionalista dos povos.^[3]



Os irmãos Grimm

Depois de iniciar e frutificar na Europa, o estudo do folclore se estendeu ao Novo Mundo, chegando ao Brasil na segunda metade do século XIX através dos precursores Celso de Magalhães e Sílvio Romero, e aos Estados Unidos, onde em em 1888, William Wells Newell, Mark Twain, Rutherford Hayes e um grupo de outros interessados fundaram a Sociedade Americana de Folclore (do inglês "*American Folklore Society*"), que publica um jornal em atividade até hoje, o *Journal of American Folklore*. A contribuição dos folcloristas norte-americanos ocorreu através de pesquisas apoiadas por universidades, definindo novas fronteiras metodológicas e lançando as bases para a fundação do folclorismo como uma nova especialidade científica, paralela à antropologia.^[3]

A sociedade contemporânea

Atualmente o folclorismo está bem estabelecido e é reconhecido como uma ciência, a ponto de tornar seu objeto, a cultura popular ou folclore, instrumento de educação nas escolas e um bem protegido genericamente pelo UNESCO e especificamente por muitos países, que inseriram muitos de seus elementos constituintes em seus elencos de bens de patrimônio histórico e artístico a serem protegidos e fomentados.^[2]

Considera-se hoje o folclorismo um ramo das Ciências Sociais e Humanas, e seu estudo deve ser feito de acordo com a metodologia própria dessas ciências. Como parte da cultura de uma nação, o folclore deve ter o mesmo direito de acesso aos incentivos públicos e privados concedidos às outras manifestações culturais e científicas.^[2] Segundo Von Gennep,



Bloco de maracatu em Olinda

“ o folclore não é, como se pensa, uma simples coleção de fatos disparatados e mais ou menos curiosos e divertidos; é uma ciência sintética que se ocupa especialmente dos camponeses e da vida rural e daquilo que ainda subsiste de tradicional nos meios industriais e urbanos. O folclore liga-se, assim, à economia política, à história das instituições, à do direito, à da arte, à tecnologia, etc, sem entretanto confundir-se com estas disciplinas que estudam os fatos em si mesmos de preferência à sua reação sobre os meios nos quais evoluem..^[7] ”

Apesar de existir uma metodologia específica para o estudo contemporâneo do folclore, já existe a consciência de que o impacto dos novos meios de comunicação sobre as culturas, populares ou eruditas, está a exigir uma reformulação nos conceitos e sistemas de análise. Já não são raros os elementos do povo que usam gravadores, câmeras de vídeo, internet ou outros meios de alta tecnologia para o registro e difusão das manifestações folclóricas, tornando a delimitação do campo de estudo e a caracterização do fato folclórico cada vez mais difíceis.^[8] Roberto Benjamin, presidente da Comissão Nacional de Folclore do Brasil em 2001, declarou que

“ um outro processo a merecer atenção é o da espetacularização das manifestações folclóricas pela pressão dos meios de comunicação de massa e do turismo. ”

Algumas das manifestações tradicionais guardam a natureza de espetáculos, que têm sido levados à exacerbação, convertendo-se em produto. O exemplo mais evidente é o do boi-bumbá de Parintins. Freqüentemente, o caso de manifestações de natureza ritual, reservadas aos grupos e comunidades religiosas, que por seu exotismo estão sendo convertidas em eventos de massa. É o caso das panelas em festivais para turistas. Diante desse quadro, torna-se necessária a postura liberada dos preconceitos etnocêntricos, a reciclagem da pesquisa em trabalho interdisciplinar com a incorporação e o uso renovadas das ciências humanas e das ciências da linguagem, das tecnologias e equipamentos disponíveis".^[8]



O Boi-bumbá de Parintins

Classificação do folclore

Pode-se dividir as manifestações folclóricas em oito categorias:^[6]

- Música e dança;
- Festas populares;
- Usos e costumes;
- Crendices e religiosidades;
- Artesanato;
- Brinquedos e brincadeiras, e;
- Linguagem e literatura oral (dialetos).

Características do fato folclórico

Para ser considerado um fato é folclórico, deve apresentar as seguintes características: tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade e aceitação coletiva.^[9]

- **Tradicionalidade**, transmissão geracional, entendida como uma continuidade, onde os fatos novos se inserem sem ruptura com o passado, construindo-se sobre esse passado.
- **Dinamicidade**, a feição mutável, ainda que baseada na tradição.
- **Funcionalidade**, o contexto dinâmico (motivo) que originou o fato, não constituindo um dado isolado.
- **Aceitação coletiva** deve ser uma prática generalizada, implicando uma identificação coletiva com o fato, mesmo que ele derive das elites. Esse critério não leva em conta o anonimato que muitas vezes caracteriza o fato folclórico e que tem sido considerado um indicador de autenticidade, pois mesmo se houver autor desde que o fato seja absorvido pela cultura popular ainda deve ser considerado folclórico. Um exemplo disso é a literatura de cordel brasileira, geralmente com autoria definida, mas tida como elemento genuíno da cultura popular.

Pode-se acrescentar a esses o critério da *espontaneidade*, já que o fato folclórico não nasce de decretos governamentais nem dentro de laboratórios científicos; é antes uma criação surgida organicamente dentro do contexto maior da cultura de uma certa comunidade. Mesmo assim, em muitos locais já estão sendo feitos esforços por parte de grupos e instituições oficiais no sentido de se recriar inteiramente, nos dias de hoje, fatos folclóricos já desaparecidos, o que deve ser encarado com reserva, dado o perigo de falsificação do fato folclórico. Também deve ser *regional*, ou seja, localizado, típico de uma dada comunidade ou cultura, ainda que similares possam ser encontrados em países distantes, quando serão analisados como derivação ou variante.^[8]

Imagens



Pinksterkrone, Países Baixos. Esta dança é conhecida no Brasil como pau-de-fita



Henri Julien: Ilustração para a história da Canoa encantada, do folclore franco-canadense



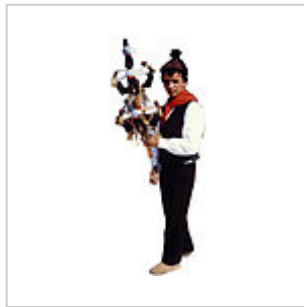
Palio del Niballo, Itália



Brer Rabbit, do folclore anglo-americano



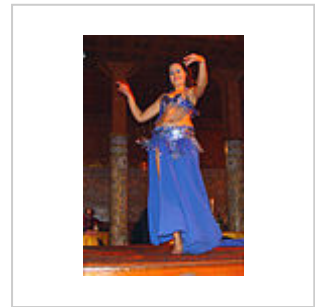
Sani ol-Molk: Ilustração para As mil e uma noites, o célebre ciclo de contos do folclore árabe



Musicista tradicional da Ilha da Madeira



Cerimônia do Calcio Storico de Florença



Dança marroquina

Referências

1. «Relato Folclore» (<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=71>) *Instituto Paranaense de Desenvolvimento Educacional - FUNDEPR*. Disciplina Arte. Secretaria da Educação do Paraná Consultado em 23 de agosto de 2018.
2. Comissão Nacional do Folclore. *Carta do Folclore Brasileiro* Capítulo I - Conceito. Salvador, 1995. [1] (<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>)
3. Frade, Cásia. *Folclore/Cultura Popular: Aspectos de sua História* (http://www.unicamp.br/folclore/Material/exta_aspectos.pdf). *8º Encontro com o Folclore/Cultura Popular* Espaço Cultural Casa do Lago/UNICAMP, 18 a 22 de Agosto de 2003
4. **Nunes**, Rossano Carvalho. Em *Instituto Grupo Veritas de Pesquisa. Antropologia* (<http://portaligvp.org/home/sobre-as-areas/antropologia>)
5. Georges, Robert A., Michael Owens Jones, "Folkloristics: An Introduction," *Indiana University Press* 1995.
6. Sistema de informações turísticas que auxiliam no planejamento de viagens a Minas Gerais «Folclore» (<http://www.descubraminas.com.br/Upload/Biblioteca/0000235.pdf>) PDF). Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Senac MG. *Descubra Minas* Consultado em 23 de agosto de 2018.
7. Genep, Arnold von. In Laytano, Dante de. *O Folclore do Rio Grande do Sul* Porto Alegre: EST, Martins Livreiro; Caxias do Sul: EDUCS, 1984. p. 11
8. Benjamin, Roberto. *Folclore no Terceiro Milênio*. IV Seminário de Ações Integradas em Folclore. Comissão Maranhense de Folclore. Boletim n. 21 / Dezembro 2001 [2] (<http://cmfolclore.sites.uol.com.br/index.htm#folclore21>)
9. UNESCO. *Recomendação sobre a Salvaguarda do Folclore* Reunião de Praga, 1995. In Benjamin.

Ver também

- Folclore brasileiro
- Carta do Folclore Brasileiro
- Cultura popular

- Lendas

Ligações externas

- Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
 - Folclore: cultura brasileira na sala de aula
-

Obtida de "<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Folclore&oldid=52968972>

Esta página foi editada pela última vez às 15h07min de 23 de agosto de 2018.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização